

Ensino de violão para crianças: relatos, possibilidades e discussão

*Luciano Luan Gomes Paiva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
luciano.90@hotmail.com*

Resumo: Haja vista a grande busca em aprender um instrumento musical na atualidade, o violão tornou-se bastante procurado no mercado do ensino de música e com isto muitos professores estão tendo que buscar táticas para melhorar seu ensino. Dessa forma, este trabalho tem como principal objetivo discutir sobre a utilização de estratégias, sobretudo com materiais didáticos no ensino de violão para crianças a partir de relatos de vivências numa escola especializada privada de Natal-RN. Esta experiência se deu numa escola com mais de dez anos de funcionamento como projeto social, mas que ano passado se tornou uma escola privada especializada em música. Compreendemos a importância de o professor refletir sobre sua prática, pesquisar enquanto docente e promover estratégias de ensino que facilitem o aprendizado, tornando esta, uma prática prazerosa e motivadora para seus alunos.

Palavras chave: Ensino de violão; Formação de professor; Escola especializada.

Introdução

Haja vista a grande busca em aprender um instrumento musical na atualidade, o violão tornou-se bastante procurado no mercado do ensino de música. Esta demanda vem tendo um crescimento considerável também pelo público infantil, sobretudo com a difusão de estratégias e metodologias voltadas ao desenvolvimento deste público no violão, por meio principalmente de publicações em congressos, revistas e livros da área.

A participação familiar se faz necessário para qualquer pessoa, principalmente para o público infantil que é mais dependente dos pais e está em processo de formação cognitiva e motora. Os professores também têm sua obrigação no processo de ensino e aprendizagem de música, e pesquisar em livros, na internet, com colegas e em cursos de formação dará aos docentes as condições necessárias para promover estratégias que visem um aprendizado consciente e prazeroso para seus alunos.

Dessa forma, este trabalho tem como principal objetivo discutir sobre a utilização de estratégias, sobretudo com materiais didáticos no ensino de violão para crianças a partir de relatos de vivências numa escola especializada privada de Natal-RN. Esta experiência se deu numa escola com mais de dez anos de funcionamento como projeto social, mas que ano passado se tornou uma escola privada especializada em música.

Este texto é destinado a professores de música que pesquisam sobre ensino de instrumentos musicais para crianças, principalmente no violão. A proposta também pode ser estendida para outros ambientes de ensino, pois as práticas que aqui serão relatadas foram pesquisadas e desenvolvidas a partir de outros âmbitos educacionais, que serão exibidos mais detalhadamente no momento que falarei sobre minha pesquisa por materiais e estratégias.

A contextualização do espaço

A escola trabalha a partir do Método Suzuki e por isso todos os professores foram recomendados a utilizar a abordagem Suzuki, estimulando a escuta musical, memorização, repetição constante, sobretudo a participação familiar no processo de aprendizagem e a formação humana dos alunos dentro e fora de sala de aula.

Por estar com uma nova estrutura física e numa localização centralizada na cidade, o público alvo da escola são pessoas de diversas idades, profissões diferentes e com bastante condição financeira. Isto era bem nítido quando alguns alunos chegavam com seu motorista ou cuidadora, que muitas vezes também acompanhavam as aulas e até tentavam ajudar os alunos. A escola faz questão que os pais acompanhem as aulas sempre que possam, na maioria das vezes os pais ficam na sala somente na primeira aula devido à adaptação dos alunos para com o professor e escola. Entretanto, quando algum aluno tem mais dificuldade de adaptação ou comportamento é pedido que os pais fiquem em mais aulas. Por ter esse contato, os pais também precisam auxiliar os alunos nos estudos em casa e muitos até tiravam fotos e gravavam vídeos para facilitar o entendimento no momento do estudo em casa. É importante comentar que as aulas na escola têm duração de 50 minutos e os professores tem um pequeno intervalo de 10 minutos para finalizar a aula, organizar os materiais e a sala, tomar água e ir no banheiro.

Na escola há várias salas para os diversos instrumentos, sendo duas destinadas às aulas de violão: uma para violão infantil¹ e outra para as faixas etárias seguintes, em que ambas funcionam simultaneamente. Para as aulas de violão infantil cada criança tem uma aula individual e outra em grupo² por semana, já no violão para as idades seguintes os alunos têm duas aulas individuais a cada semana. Neste texto irei explicar apenas sobre o curso de violão infantil, no qual lecionei por cinco meses e desenvolvi estratégias de ensino principalmente a partir de materiais didáticos usados em sala de aula.

A escola dispunha, para uso dos professores, de alguns materiais lúdicos guardados em uma caixa, – que eu logo nomeei de caixinha de surpresas - eram materiais como dados de pelúcia, fantoches e alguns joguinhos musicais feitos de cartas. Era disponibilizado também giz de cera e coleções para pintar algum desenho se fosse necessário. Além disso, os professores tinham acesso aos materiais básicos para ensino, como por exemplo, violão, piloto e apagador, estante de música e os livros usados na escola.

No momento da matrícula os alunos ou os pais deles têm que comprar o kit do material de estudo de violão infantil, que contém um fardamento da escola - comum a todos os cursos - de uso opcional, um livro do Método Suzuki de ensino de violão para crianças e o livro “O Equilibrista das Seis Cordas” de Silvana Mariani (2010). Ambos os livros eram utilizados nas aulas individuais, mas fomos recomendados que o livro brasileiro fosse usado principalmente nas aulas coletivas.

Ensino de violão para crianças: relatos, possibilidades e discussão

Em minha experiência como docente, tive diversas vivências com ensino de violão em aulas individuais particulares e coletivas em projetos sociais governamentais e não governamentais de forma tradicional, mas sempre condizente com a realidade musical dos alunos. Quando entrei na escola especializada (foco deste texto), fui incentivado pelo

¹ Nesta escola é considerado aluno para violão infantil aquele de idade entre 4 e 12 anos.

² A quantidade máxima de alunos numa aula em grupo de violão infantil são quatro, mas este número muitas vezes variava para menos.

coordenador pedagógico da mesma a incorporar um espírito musicalizador nas aulas de violão infantil, explorando o lúdico como ponto de partida.

Comecei minha pesquisa para lecionar violão de forma lúdica para as crianças, inicialmente buscando algumas dicas com a outra professora de violão infantil, que já estava há mais tempo na escola e depois em atividades lúdicas de musicalização infantil nos livros e na internet. Neste sentido, entendemos que “a partir do conhecimento de distintas perspectivas do ensino e aprendizagem da música, o educador estará mais apto para a (re)apropriação e/ou a criação de estratégias metodológicas capazes de abarcar diferentes dimensões da educação musical” (QUEIROZ, 2004, p. 103).

O material pesquisado serviu para refletir minha prática de ensino principalmente com crianças, sobretudo por minha necessidade de atuar nesta nova experiência com alunos de muito pouca idade e conhecimento no instrumento. Souza (2003, p. 9) confirma a importância desta necessidade dizendo que “a pesquisa é um elemento fundamental para uma reflexão teórico-prática, contribuindo para o desenvolvimento da observação de situações pedagógicas, preparação e estruturação da coerência da fala e para o hábito de registrar práticas”. Neste aspecto, a pesquisa em música associada a uma reflexão crítica sobre a prática se torna essencial para os professores no sentido de uma atualização constante. Freire (1996) justifica isso comentando que para melhorar a nossa próxima prática temos que repensar a prática atual e passada.

Nas primeiras aulas comecei usando dois fantoches, o Leão do Violão e o Gatinho, não só como me foi recomendado, - usá-los para mostrar a diferença entre notas graves e agudos - mas como personagens que lecionam nas aulas e que “aparecem” em algum momento da aula para cobrar a performance dos alunos sempre de uma forma divertida e interativa. A reação dos alunos era de encantamento em estar falando com um fantoche representando um animal, mesmo conscientes que eram fantoches manipulados por mim e muitos até conferiam isto de perto, mas continuavam a prestar bastante atenção com olhos bem abertos e sorriso estampado. Ressalta-se aqui que é nesta faixa etária “que o indivíduo estabelece e pode ter assegurada sua relação com o conhecimento, operando-o no nível cognitivo, de sensibilidade e de formação da

personalidade” (LOUREIRO, 2008, p. 141). O uso dos fantoches é bastante flexível no que diz respeito as possibilidades, uma vez que podem ser usados de várias formas em sala de aula, como por exemplo, para ensinar, para cobrar, para aprender ou simplesmente para quebrar o clima da aula.

Passei também a utilizar nas aulas os dados de pelúcia da escola, pois comecei a perceber que os alunos não tinham muita vontade de repetir exercícios, queriam executá-los apenas uma vez e já queriam fazer outra atividade. Em suma, quando eu propunha um novo exercício jogávamos os dados para ver quantas vezes iríamos executar, estimulando no aluno uma vontade de acertar seu número desejado e se estava com sorte ou não. Essa dita “sorte” para alguns alunos era quando o dado caía um 6 e para outros quando caía o número 1, após isso iniciávamos outra rodada e assim sucessivamente. Arroyo (2002, p. 98) explana que “em qualquer prática musical estão implícitos o ensino e a aprendizagem de música, que nenhuma prática é melhor que a outra, mas que cada uma deve ser compreendida no seu contexto de construção e ação”.

Os dados podem ser usados de várias formas e em vários âmbitos, como por exemplo, para um exercício de arpejo simples (P I M A)³, estes objetos podem quantificar as repetições; outro exemplo também seria em um exercício de repetição de I M: o valor que caísse em um dado poderia representar a corda no qual o aluno iria fazer o exercício, já que um dado tem seis lados e o violão seis cordas, enquanto o outro dado poderia representar quantidade de vezes que o I e M seriam tocados.

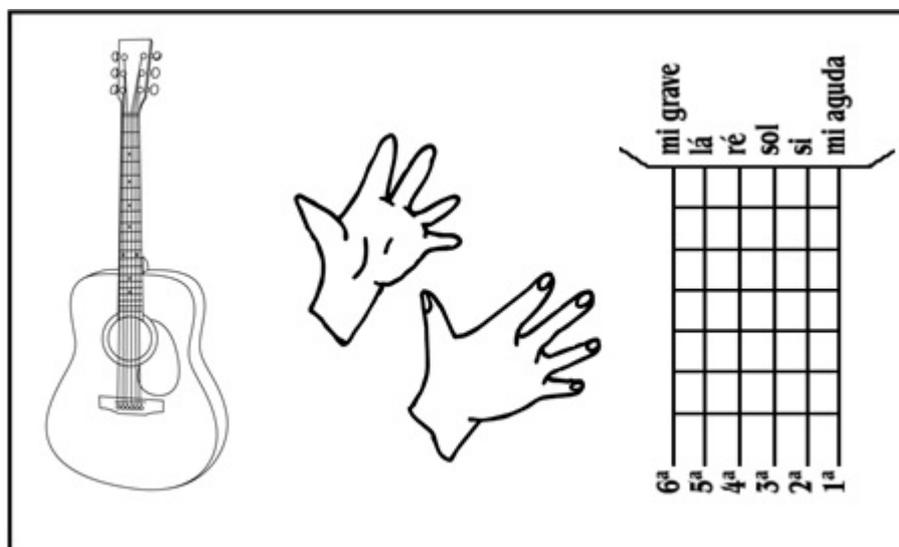
Essas estratégias funcionaram com a maior parte dos alunos, porém com algumas das crianças mais novas não eram suficientes, eles tinham mais dificuldade de se concentrar no estudo do instrumento. Antes de conversar com os pais dos alunos, falei com o coordenador pedagógico da escola sobre os que estavam tendo dificuldade de se concentrar, explicitando individualmente cada caso. Chegamos à conclusão que: eu na função de docente (insistente) continuaria tentando estimular o desenvolvimento da concentração e aprendizado dos alunos com estratégias e metodologias diferenciadas, usando também outros materiais didáticos além

³ As letras representam as iniciais dos dedos: Polegar, Indicador, Médio e Anelar.

do que eu já havia utilizado. A dificuldade de concentração dos alunos era da seguinte forma: eles começavam a executar os exercícios no violão propostos por mim, mas só tinham paciência em treinar por uns 5 minutos no máximo. Então, eu teria que mudar de atividade a cada 3 ou 5 minutos e ainda ensiná-los violão sem o violão por alguns instantes também.

Comecei também a usar desenhos para os alunos aprenderem violão nas aulas da seguinte forma: começava passando algum exercício prático de violão, quando percebia que o aluno estava começando a cansar, ensinava algum assunto teórico de violão e logo oferecia um desenho para ele pintar, sempre pertinente ao que eu havia acabado de ensinar. Pintávamos sempre cada parte do desenho de uma cor diferente, estimulando o aprendizado do aluno e associando o desenho aos conteúdos estudados no violão. Por exemplo, para estudo do nome das partes do violão, pintamos cada parte do instrumento de uma cor; ou para o nome dos dedos, pintamos cada dedo de uma cor e assim sucessivamente.

FIGURA 1 – Desenhos didáticos para violão



Fonte: acervo próprio

A ação de fazer algo diferente para ensinar determinados conteúdos, como foi o caso da associação entre desenhos e o violão é bastante importante para o desenvolvimento cognitivo da criança, principalmente quando há estímulo à criatividade e à fruição, uma vez que estas têm

função de suma importância no processo de desenvolvimento intelectual do indivíduo. Alguns dos documentos brasileiros norteadores no ensino da educação básica confirmam esta perspectiva, a exemplo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs quando recomendam que “a escola, especialmente nos cursos de Arte, deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiências de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal” (BRASIL, 1998b. p. 63). O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEIs também defende esta perspectiva afirmando que:

para que as crianças possam compreender a realidade na sua complexidade e enriquecer sua percepção sobre ela, os conteúdos devem ser trabalhados de forma integrada, relacionados entre si. Essa integração possibilita que a realidade seja analisada por diferentes aspectos, sem fragmentá-la (BRASIL, 1998a, p. 53 e 54).

Quando terminamos de pintar os desenhos, colocamos o nome do aluno na folha e depois conferimos cada parte do desenho da seguinte forma: eu pergunto qual a cor de uma determinada parte do desenho e o aluno responde, depois a outra e assim sucessivamente. Esta consolidação da atividade é bastante importante para o aluno aprender de forma consciente os conteúdos propostos implicitamente nos desenhos, inclusive se tornando uma releitura na construção do conhecimento.

Em contrapartida, ao conversar com os alunos, soube que nunca estudaram violão e apenas quatro alunos já haviam tido aulas de música: um teve aulas de flauta doce e os outros tiveram aulas de musicalização. Desde a minha entrada na escola pude observar certa dificuldade dos alunos em perceber o momento correto da troca de uma nota (ou para os mais avançados: de acordes), atrasando ou adiantando a mudança quando seguíamos pela cifragem do livro, que até então eram representadas pelos nomes das notas. Tive a ideia de representar com o corpo a mudança das notas para que os alunos seguissem um referencial mais visível, inclusive quando estivessem olhando para o violão. Como exemplo a esta prática, quando estávamos acompanhando as músicas infantis somente com as cordas graves, combinávamos de ficar marcando o pulso na corda Lá (representando o primeiro grau) quando eu estivesse na frente do

aluno e quando eu fosse para outra direção marcaríamos o pulso com a corda Mi (representando o quinto grau). Esta outra direção poderia ser para frente de outro aluno caso a aula fosse coletiva, facilitando o entendimento dos alunos e tornando a aula mais dinâmica e movimentada.

Iniciamos com o repertório de músicas infantis por serem mais simples e de agrado dos alunos e logo fomos inserindo outras músicas de diversos gêneros. Dessa forma, as primeiras músicas foram: *Cai cai balão*, *O sapo não lava o pé*, *Sapo cururu*, *Nesta rua* e *A canoa virou*. Essas músicas podem ser tocadas (acompanhadas) no início do aprendizado no violão, motivando o aluno a querer aprender mais, uma vez que a partir destas o resultado é perceptível nas primeiras tentativas.

Ao mesmo tempo eu também estimulava os alunos a cantarem as músicas estudadas, era uma prática de tocar se acompanhando, primeiramente comigo ajudando nos dois aspectos, depois eu somente ajudava cantando e por fim o aluno tentava sozinho cantar se acompanhando no violão. É importante ressaltar que os alunos não conseguiam avançar de primeira como foi descrito anteriormente, mas avançavam com dificuldade e depois de algumas tentativas, sempre com minha ajuda. Este processo de avanço estimulava os alunos naquele momento, visto que tocar já é um desafio, quiçá cantar e se acompanhar no instrumento. Os PCNs explanam que:

as interpretações são importantes na aprendizagem, pois tanto o contato direto com elas quanto a sua utilização como modelo são maneiras de o aluno construir conhecimento em música. Além disso, as interpretações estabelecem os contextos onde os elementos da linguagem musical ganham significado (BRASIL, 1997, p. 53).

Como foi comentado no início do texto, todos os alunos têm uma aula individual e outra em grupo diferenciados pela quantidade de alunos em sala e pelo seu objetivo na aula. Enquanto o objetivo das aulas individuais é passar conteúdos técnicos e teóricos do violão, além da prática de repertório, o das aulas em grupo é promover a integração entre os alunos de forma musical, fazendo com que os estes executem as mesmas músicas juntos e tocando o mesmo arranjo ou não. Essa integração é bastante importante para a formação dos alunos no instrumento, uma vez que a prática de conjunto tem uma característica que se torna essencial nos ambientes musicais: o trabalho em grupo. Tourinho (2007, p. 2) afirma que “o aprendizado se dá pela observação e

interação com outras pessoas, a exemplo de como se aprende a falar, a andar, a comer. Desenvolvem-se hábitos e comportamentos que são influenciados pelo entorno social, modelos, ídolos”.

A motivação dos alunos nas aulas coletivas é estimulada por um sentido natural de competição, como por exemplo, quando um aluno com mais dificuldade observa os outros tocando bem ele tenta acompanhar o ritmo de aprendizado de seus colegas, porém o professor tem que estar atento a essas diversidades, uma vez que sem a ajuda do docente o aluno com dificuldade pode desenvolver-se menos ainda ou até frustrar-se e desistir do instrumento por falta de direcionamento das dificuldades no estudo. Souza (2003, p. 8) defende esta perspectiva e relaciona a atenção por parte dos docentes com os sentidos visual e auditivo, comentando que “esse ‘ver’ e ‘ouvir’, instrumentalizado com teorias, estudos, olhares de outras pessoas sobre o objeto, permite que os professores possam diagnosticar a situação pedagógico-musical na qual atuam e fazer uma reflexão metodológica mais consciente”.

Dessa forma, os docentes devem ter consciência para com o desenvolvimento dos alunos quando refletem sobre sua prática em sala de aula, objetivando sempre a facilitação e o prazer no aprendizado de seus alunos. Devem inovar com metodologias diferenciadas para que as aulas surpreendam e instiguem os alunos por um conjunto de estratégias que, muitas vezes podem ser consideradas simples, mas que o resultado destas fica estampado positivamente no rosto dos alunos.

Considerações finais

Cada aluno tem suas dificuldades de aprendizado, estas são diferentes uma das outras e cada uma com sua especificidade, mas todas com resoluções possíveis de encontrar, que muitas vezes está atrelada a falta de recorrentes pesquisas docentes ou até a própria forma de o professor passar o conteúdo em sala de aula. Deste modo, os docentes devem ser reflexivos com outras práticas e com suas próprias atitudes em sala de aula, objetivando sempre melhorar sua prática e tornar mais prazeroso tanto para os alunos quanto para si o processo de ensino e aprendizado na escola.

Este trabalho buscou relatar estratégias de ensino vivenciadas numa escola privada especializada em ensino de música, contribuindo para professores de violão e também de outros instrumentos que podem utilizar como base as atividades práticas exibidas na forma de direcionamento para diferentes ações. Além disso, as possibilidades sugeridas aqui devem ser entendidas como norte às pesquisas de material ou de atividades lúdicas para o ensino de instrumentos musicais, sobretudo no violão que é o foco deste texto.

O artigo também buscou discutir a importância de o professor refletir sobre sua prática, pesquisar enquanto docente e promover estratégias de ensino que facilitem o aprendizado, tornando esta, uma prática prazerosa e motivadora para seus alunos. A discussão trouxe falas de autores que também pesquisam sobre esta temática, juntamente com dados empíricos obtidos em uma escola especializada de música.

Referências

ARROYO, Margarete. Mundos musicais locais e educação musical. *Em Pauta*, n.20, p. 95-122, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*: volumes I, II e III. Brasília: MEC/SEF, p. 53-54, 1998a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte* / Secretaria de Educação Fundamental. Ensino de quinta a oitava séries. vol. 6. Brasília: MEC /SEF, p. 63-80, 1998b.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte* / Secretaria de Educação Fundamental. Ensino de primeira à quarta série. Brasília: MEC/SEF, p. 53, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. *O ensino de música na escola fundamental*. 4. ed. São Paulo: Papyrus, 2008. p. 141.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 10, 99-107, mar. 2004.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 10, p. 11, 2004.

SOUZA, Jusamara. Pesquisa e formação em educação musical. *Revista da ABEM*, v.8. Porto Alegre, p.7-10, mar., 2003.

TOURINHO, Cristina. Ensino coletivo de instrumentos musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. In: XVI ENCONTRO ANUAL DA ABEM, Campo Grande - MS, 2007.